

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
ICHF- DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
HISTÓRIA ORAL
PROFESSOR: MARCOS ALVITO
ALUNO: FERNANDO H. G. BARCELLOS

Niterói, 07 de Dezembro de 2000.

Entrevista com o Professor Luiz Carlos Soares do Departamento de História da UFF, em Niterói, 07 de Dezembro de 2000
Transcrito por Fernando H. G. Barcellos

Fernando Henrique: “ Professor, o Sr. Poderia falar um pouco dos seus avós?”

Luiz Carlos Soares: “ Meus avós, sim, meus avós paternos, meus avós paternos, é, são de Sergipe, vieram para cá, o Rio de Janeiro, minha avó Isaura, meu avô João, meu avô eu não conheci, meu avô paterno eu não conheci, ele morreu, só conheci minha avó paterna, Isaura, e inclusive uma coisa que eu me lembro, é que ela trabalhava no Loyd, o antigo Loyd Brasileiro, sempre me dava miniatura de navios, coisas de navios, essas coisas todas, é, não eram pessoas assim de grande nível de escolaridade, pessoas comuns que estudaram assim o básico, meu avô eu não sei, porque eu não o conheci, mas minha avó era uma pessoa muito inteligente, sabia ganhar dinheiro, né (risos).

E era uma morena bastante vistosa, uma morena quase para mulata bastante vistosa, e inclusive, depois ela se casou, é, quer dizer, teve um caso bastante duradouro com outra pessoa, depois que meu avó morreu. Meus avós maternos, também, eram pessoas comuns, sem um grande nível de escolaridade. Na verdade, eu sou a primeira pessoa da minha família a entrar na universidade, né, até então antes as pessoas não tinham entrado na universidade, né, acho que eu sou o primeiro tudo da minha família. Primeira pessoa a entrar na Universidade, a dar aula numa Universidade, o primeiro Phd, o primeiro Doutor é da família, tudo, tudo, tudo. Eu tenho esse pionerismo. Mas, voltando aí para os meus avós maternos. Meu avô era de origem indígena, e minha avó é de origem polonesa, judaico-polonesa. Ela já nasceu aqui, né, mas a mãe dela, a minha bisavó, ela veio de Varsóvia, inclusive, mas a minha avó inclusive se casou fora da comunidade, eu não tenho nenhuma relação de cultura por conta disso com o judaísmo. Muito pelo contrário, no meu caso foi muito bom porque religiosamente eu fiquei assim muito solto, né, então tive assim uma vaga formação católica, é, por conta de que a família dos meus avós paternos eram católicos, por conta de meu avô, mas isso aí era tudo muito fluido, né, felizmente, felizmente, na minha maneira de dizer. Acabei falando um pouco mais de mim. [F.H.: Professor, o Sr. pode falar a vontade.] Tá.”

F. H.: “ Professor, e os seus pais?”

L.C.S.: “ Meus pais, é, meu pai e minha se casaram, eu acho que em 49, início de 50, é, e eu nasci em 51, mas eu tenho um lance muito traumático em minha vida, uma situação muito traumática em minha vida. É, por que em 52, quando eu estava fazendo meu primeiro aniversário, a minha mãe morreu de eclampse, inclusive no dia do meu aniversário. No dia do meu aniversário para mim tem essa marca, né e, depois eu fui criado por meus avós maternos, quer dizer, o pai e a mãe da minha mãe, e, eu tinha uma relação muito esporádica com o meu pai, né, inclusive ele ficou muito traumatizado, e anos depois ele se casou novamente e constituiu uma nova família, essa relação que era muito esporádica inclusive ela se tornou mais esporádica ainda. Tanto é que a muitos anos que eu não vejo meu pai, ele constituiu outra vida, outra família, e toda a minha relação era com a família de minha mãe, uma família, não só os meus avós, que na verdade foram os meus verdadeiros pais, no sentido que foi eles que me criaram, e com meus tios, era como se eu fosse o irmão mais novo na casa, né, quer dizer, essa foi a relação que eu tive com meus pais, praticamente eu me considera órfão de pai e mãe, de pai e mãe biológica, né, não, né, como eu te disse, tem toda uma relação com os meus

avó, que era uma relação quase, quase não, era uma relação filial, como se eu fosse uma espécie de filho mais novo, né.”

F.H.: “ O senhor poderia falar de sua família hoje, né, se tiver esposa e filhos, além disso, se tiver um irmão?”

L.C.S.: “ Não, eu tenho, irmãos, irmãos eu tenho por parte de país, mas eu não os vejo a muito tempo, tenho lá meus “half-brothers”, né, os meus meio irmãos, mas eu não tenho contato com eles, então eu não sei falar sobre eles, por conta destas coisas, dessas loucuras mesmo da vida. Eu acho que tem uns 30 anos, tem mais de 30 anos, eu acho que a última vez que eu vi meu pai foi em 1967, eu não tinha uma relação, eu acho que meu pai ficou muito traumatizado com a relação, com a morte da minha mãe, e, não sei, inclusive depois não se manteve um laço rígido. Agora em relação a minha família é o seguinte, eu tenho uma família, do segundo casamento, né, eu me casei em 78, depois me separei em 84, final de 84, início de 85, pouco mais de 6 anos depois do casamento, é, pouco tempo depois eu conheci a Marília, minha atual mulher, e a gente já tem uma relação de que, 85, de 15 anos. É, 15 anos, eu tenho esse relacionamento com ela e um filho, que vai fazer 12 anos agora em fevereiro, Marcelo, já tá com 11 anos e 10 meses, então vai fazer 12 anos agora em Fevereiro. É uma família (risos) normal, né, ou anormal, né. Depende dos padrões de referência. [F.H.: “ não sabe mais direito?”] Não, é, não. A gente tem uma relação boa, legal. Agora, tem os conflitos que todas as famílias tem, né, principalmente família de classe média, a classe média massacrada salarialmente, com uma série de impostos, do jeito que a gente tá vivendo hoje em dia, né, então, eu acho que, não sei, não sei se nesse aspecto material, digamos assim, a minha relação familiar seria tão diferente de tantas outras famílias, é, de classe média, né. A minha mulher também é professora de francês, então a gente tem, nesse aspecto quase que as mesmas dificuldades, por conta da situação que o magistério se encontra, né. E isso é terrível, porque a gente ainda tem que pagar escola para filho, plano de saúde, a gente desconta uma nota alta de imposto, mas não tem uma contrapartida do Estado em relação a isso, né, então, a classe média principalmente que é que tá bancando esse modelo, ela acaba sendo duplamente taxada, na fonte, e também por conta do pagamento de impostos aí na sociedade, e pagamento de, de, é, é serviços que teoricamente teriam que ser gratuitos, como saúde, educação e etc. Não sei se eu falei da minha família.” [F.H.: “ O Sr. fica bem a vontade para falar o que o senhor quiser.”]

F.H.: “ O Sr. percebe alguma relação entre o seu ambiente familiar e sua escolha profissional?”

L.C.S.: “ Não, eu acho que não teve não. Eu acho que a minha escolha, é, profissional, foi uma coisa muito individual, né, foi em função das experiências e gostos, é eu acho que talvez as minhas relações de amizade, na escola e depois no vestibular, eu acho que elas acabaram pesando mais na definição da minha escolha profissional que a minha relação familiar. Eu acho que inclusive eles não sabiam, não tinham dimensão, é, do curso ou do tipo de coisa que eu estava fazendo.”

F.H.: “ Que tipo de escola o Sr. estudou?”

L.C.S.: “ Eu estudei durante muito tempo em escola pública. Estudei em escola pública, e assim sistematicamente eu só fui estudar em escola particular quando eu fiz o pré-vestibular, né, mas eu fiz escola pública, inclusive em geral eu brinco, eu digo que eu sou um Doutor sem segundo grau completo, porque eu comecei a fazer o científico, aí eu tomei bomba em matemática, repeti, aí no segundo ano eu tive que ir para o exército,

então não consegui conciliar exército com escola, né, aí abandonei e depois eu voltei a estudar e fiz prova no antigo artigo 99, que é o supletivo do clássico, e como eu trabalho com história da ciência, os meus amigos de história da ciência brincam muito comigo, dizem que eu fiz clássico, coisa de menor importância, mas é foi basicamente escola pública. Todo esse tempo, eu só fui pagar, é, é, é, como era de hábito, como era hábito, desculpe, naquela ocasião, para fazer o pré-vestibular para depois entrar na Universidade.”

F.H.: “ É, que tipo de aluno o senhor era?”

L.C.S.: “ Depende, eu acho que eu era um aluno bom, né, e bastante esforçado, eu tinha alguns problemas em matemática, e o meu filho me puxou, minha mulher também tem problema em matemática, tinha problema em matemática quando ela era estudante, então era isso que me matava. Eu era um aluno, Ah, é, não vou dizer que era razoável não, eu era um aluno bom, mas tinha esse problema em matemática, não é isso? Eu sempre fui forte em história, geografia, línguas estrangeiras, português, literatura, né, sempre percebi uma certa vocação para essas áreas ditas humanas,”

F.H.: “ Tem algum professor deste período que tenha marcado mais?”

L.C.S.: “ Ah, sim, sim, alguns professores me marcaram. E eu posso citar, inclusive na minha tese de História da Ciência para o Concurso de Titular na UFF, eu homenageio um deles. Primeiramente, o Professor Orlando Valverde, que era meu professor de geografia, professor no primeiro ano ginasial, é, depois a Professora Leda, professora de história, na quarta série ginasial. Eu tinha um bom professor do que chamavam de ESEG, Estudos Sociais do Estado da Guanabara, isso quando eu fiz o quarto ginasial, né. Isto nem mais existe mais, né. Era o Professor Fernando, que era o professor de geografia, que tinha uma boa base de conhecimento histórico. E depois, no primeiro ano científico, eu tinha uma professora de sociologia que se chamava Hebe Goldfeld, que era ótima, eu gostava muito da Hebe. E no vestibular o Professor Maurício, de história, Os professores de História do Brasil me marcaram muito. De certo modo, acho que foi o Maurício, que de certo modo, o Maurício, o Zé Nelson que era de História Geral no vestibular e depois o Fernando de História Geral, no antigo cursinho Planck, eles realmente me motivaram a fazer história. Tanto é que quando eu entrei no vestibular eu ia fazer vestibular para comunicação e principalmente propaganda, porque antes eu tinha trabalhado numa agência da publicidade e achava que eu tinha jeito para a coisa. Mas aí depois eu chutei o pau da barraca e fui fazer história, né, e eu acho que se eu tivesse feito vestibular para comunicação(risos) eu estaria ganhando muito dinheiro. Comunicação, propaganda e publicidade. Eu inclusive era um bom redator de agência de publicidade.”

F.H.: “ Professor, explica o que é para você chutar o pau da barraca?”

L.C.S.: “ Eu poderia, por exemplo tá numa área de trabalho, inclusive por conta da experiência anterior que eu tinha, Ah, em que eu poderia ser muito bem remunerado. Isto aí foi o primeiro espanto dos meus amigos, quando souberam que eu desisti de fazer vestibular para comunicação, propaganda, e fui fazer vestibular para história. Com toda a certeza, é eu no período de formação e afirmação profissional eu não teria pego essa recessão final dos anos pós 80, Ah, comumente falando, eu poderia Ter me dado muito bem financeiramente, porque inclusive eu tinha um bom trânsito nessa área e sempre escrevi muito bem, né, então, nessa área de criação publicitária, nesse área de produção e criação publicitária, é de redação de textos publicitários, eu tinha uma grande habilidade. E com certeza eu seria hoje um bom profissional, um profissional bastante

disputado. Eu tenho essa plena certeza. Não sei se eu estaria rico, não, eu acho que não vai por aí. Mas que eu estaria muito bem financeiramente, estaria.”

F.H.: “ Professor uma coisa que você falou bastante e que eu ia perguntar depois, só aprofunda mais um pouco o por que o Sr. escolheu estudar história?”

L.C.S.: “ Por que cursas história? Ah, eu gostava muito, era uma coisa que eu gostava muito , gostava muito. Eu achava que, é , eu tinha a certeza, que por exemplo, quando eu fiz a opção, é , a minha comparação era com os professores anteriores, aí eu já estava no vestibular. Mas eu me lembro dos meus professores da época do ginásio e mesmo do científico. Ah, eu sabia e tinha essa idéia, eu não vou ser rico com isso, não vou ganhar tanto dinheiro como eu poderia ganhar com publicidade, mas é eu vou Ter um bom padrão de vida, porque eu me espelhava nos antigos professores públicos, né, que eram professores com uma ou duas matrículas no Estado. Antigamente não existia município. A minha referência era o Estado da Guanabara, eram professores que ganhavam um salário realmente bom. Não existia esse achatamento salarial quer o professorado a partir de 69, época terrível da ditadura, é começou a ter. A partir do esvaziamento da Escola Pública, né, a partir de 71. E isto coincidi com a 5692 parte 71, que é a lei de Diretrizes e Bases imposta pela ditadura em 71. Agora, é, eu tinha essa idéia, né. Não vou ser rico, mas vou ter um bom padrão de vida e era isso que interessa para mim. Os meus professores, o davam aula no Estado ou davam aula em algumas escolas particulares, tinham os seus apartamentinhos, os seus carrinhos, os seus fusquinhas, as suas vemaguetis, os carros da época, né. Talvez os mais bem sucedidos tinham o aeroiles, que era considerado um carrão, então essa era a minha meta, né. Mas, depois inclusive na universidade, aí eu modifiquei um pouco, modifiquei um pouco essa minha perspectiva, porque eu passei a ter dimensão do que era o magistério superior, então, é, Ah, do magistério do 2º grau, correspondia ao ginásio e segundo científico e o clássico ginasial eu poderia, é, partir para outras coisas, dar aula na universidade. Isso é que foi se colocando para mim, mas só a partir da universidade, mas mesmo assim, isto é que é interessante. A minha primeira meta era ser professor secundarista, inclusive porque logo logo, cedo, no segundo ano da universidade eu comecei a dar aula em cursos livres, pré-vestibulares no artigo 79. Eu me lembro que eu dava aula em 73, no segundo semestre de 73, e eu ganhava um salário que eu me lembro que para a época era uma salarinho. Eu ganhava 3 mil Cruzeiros Novos por mês, era muito dinheiro. Eu não sei quanto era isso em dolar, tá, mas era muito dinheiro para um garoto de 23 anos. Dava para alugar um apartamento. Eu não sabia dirigir, não tinha necessidade de dirigir, mas eu andava de taxi para cima e para baixo, almoçava na rua, e não era em bandeirão, Ah, em bons restaurantes. Eu era assíduo freqüentador do velho Lamas, né, funcionava no Largo do Machado naquela ocasião e também do bar que tinha no final da Rua Farani, porque eu morava numa ruazinha no final da Rua Farani, Rua Marechal Bento Manoel, no final da Farani, né. Era o Bar 004. Eu almoçava e jantava ali, era freqüentador. De vez em quando eu trombava com o Simonsen, professor da Fundação Getúlio Vargas, quase que bêbado, alias, sempre bêbado, naquela situação, quer dizer, eram situações bastante diferentes. A gente tinha perspectiva com o magistério, né, e com o magistério de 2º grau. Ganhar um bom dinheiro, não ficar rico. Ai depois a minha meta passou a ser dar aula na Universidade, inclusive durante muito tempo eu conciliei o magistério superior, a partir de 76 com o magistério de 2º grau. Nunca consegui entrar no Estado, fiz dois concursos ,mas não consegui entrar. Eu

nunca consegui decorar aquelas baboseiras, mas tirava boas notas em história mas naquelas provas de didática eu me afundava. Eu me lembro que, teve uma ocasião que eu e o Humberto, que é diretor do CEG, fizemos a prova, sói que eu fiz para o Estado, para dar aula em Niterói, e Humberto fez para Caxias, tá. Nós tiramos a mesma nota. Em Niterói eu fiquei em sétimo, e em Caxias o professor Humberto ficou em segundo lugar e foi selecionado. Nós tiramos praticamente a mesma nota. Mas é isso, quer dizer, as minhas perspectivas eram essas, eu gostava muito de história, eu achava que era uma coisa que tinha muito a ver comigo, alias eu sempre gostei de história. Eu me lembro que quando eu estava no quarto ano ginásial, numa prova de ESEG, Estudos Sociais do Estado da Guanabara, era uma prova que inclusive tinha um conteúdo histórico, o Professor Fernando fez uma pergunta que toda a turma, quer dizer, desculpa, uma prova que toda a turma se ferrou, pra dizer um jargão que até hoje vocês utilizam, né. Era o seguinte: 'A que se deve o crescimento do Rio de Janeiro a partir do início do século XIX? ', e ninguém sabia, né. De fato ele não deu a matéria. Ninguém sabia. Eu fui lá e cravei, né. A chegada da Corte no Rio de Janeiro e comecei a falar sem encher lingüiça. Eu comecei a falar, quer dizer, fui a maior nota da sala. A partir daquele momento eu percebi exatamente qual era uma das minhas vocações."

F.H.: " Você já falou um pouco, mas quais eram os seus objetivos, né, primordiais nesse momento?"

L.C.S.: " Agora, o que me fez também mudar de, de área profissional no vestibular, também foi uma certa, é, posição política, né, em função também até mesmo de 68, que eu vivenciei na escola. Eu não era nenhuma grande ativista do movimento secundarista, mas eu acompanhei umas coisa de 68 e a gente sempre foi mantendo a partir disto o posicionamento crítico a ditadura, e uma aproximação com o pensamento de esquerda. E eu acho que a partir de 71, muito por influência dos professores, é, digamos positiva dos professores , né, aí eu acho que eu fiz esta opção mais por não só porque eu gostava de história, mas porque eu achava que através de história eu iria me realizar muito mais política e socialmente do que com propaganda. Com propaganda eu ia ganhar muito dinheiro, mas eu ia reforçar o que, uma vertente de apoio ao capitalismo. E a partir de certo momento eu comecei a questionar isto. Eu acho que isso foi o grande marco, a consolidação de uma consciência política, que eu acho que sempre acompanhou na minha vida, apesar de que a gente modifica. Eu não penso exatamente como eu pensava a 10 anos atrás, ou então quando eu estava fazendo vestibular, mas, é, é a consolidação de determinado tipo de pensamento. É a assunção, assumir claramente determinado tipo de pensamento mais a esquerda, né. E isto me acompanhava durante a vida."

F.H.: " E qual é a razão para a escolha do curso da UFF?"

L.C.S.: " Ah, até mesmo pelas informações que eu tive na ocasião, porque, Ah, em 68, por conta de 68, a repressão a UFRJ foi muito grande, a antiga Faculdade Nacional de Filosofia, né, foi muito grande. O curso foi desestruturado, foi terrível, e o curso na UERJ era muito ruim. Era um pouco de decoreba. O curso na PUC também era bom, né. Tanto é que eu fiz o vestibular unificado PUC-UFF, mas eu só escolhi UFF. Por que? Porque eu achava que não ia ter condições de pagar a PUC, então eu vim para a UFF porque, é, além de ser um curso gratuito, não é, era um curso que tinha já naquela ocasião a melhor reputação, e estava

começando a tomar, desculpe, estava começando a ter a melhor reputação entre os cursos de história do Rio.”

F.H.: “E qual foi a reação da sua família?”

L.C.S.: “Ah, eles não sabiam muito bem o que eu estava fazendo na vida não. E além disso, como todo bom jovem no final dos anos 60 e 70, por exemplo, meus avós, meus avós maternos que me criaram já tinham morrido, eles morreram em 64, minha avó morreu no dia 03 de setembro de 64 e meu avó teve um ataque cardíaco, é, 13 dias depois. Quer dizer, os dois foram juntos, né. Eu fui criado pelos meus tios, não era a mesma coisa, e eu acho que outras determinadas situações vão se colocando, e aí eu coloquei na minha cabeça, a partir do momento que eu entrei na universidade, que eu ia morar sozinho. E era uma coisa que eles não sabiam muito bem, não tinham dimensão, não tinham dimensão.”

F.H.: “Onde funcionava o curso de história?”

L.C.S.: “Na Rua Lara Vilela, onde hoje é o IACS, foi ali que eu comecei a estudar em 72, no casarão do ICHF.”

F.H.: “Quem eram seus colegas de curso? Classe social, formação, se o Sr. puder falar sobre isso.”

L.C.S.: “É depende. Quando eu entrei, eu fui cursar a noite, e na minha turma, por exemplo, entraram de professores daqui, né, o André Luiz que é professor de História, entrou na minha turma, a turma do primeiro semestre de 72. O André inclusive foi um dos primeiros amigos da Universidade. É meu amigo até hoje, e o professor Renato Lessa, do Departamento de Ciência Política. Ele começou a fazer história e depois foi pra, Ah, ciências sociais, né. O negócio dele era ciência política, aí foi, né. Mas com o André, em última história a gente não teve uma boa relação. É interessante, que naquela ocasião, né, o curso de história da UFF tinha dois cursos, como é hoje. O que que acontecia. É, o curso da noite era misturado. Tinha pessoas de classe média, tinham pessoas mais, é, quer dizer, de origem mais humilde, operária, proletária. Eu me sentia, Ah, mais a vontade a noite, mas por razões profissionais eu tive que ir para a manhã. E de manhã a situação é diferente, Ah, havia uma preponderância de alunos de classe média que não tinham necessidade de trabalho, trabalhar. Só que eu fiz o inverso, quem estudava a noite eram geralmente alunos que trabalhavam, né, e naquela época era muito difícil o estudante se profissionalizar dando aula, só poucos, os que eram considerados muito bons. Felizmente, eu estava nesse nível. No terceiro ano eu já era disputado por cursinhos pré-vestibular parar dar aula. Ganhei muito dinheiro em pré-vestibular, mas muito mesmo. E gastei tudo, né. Então, de manhã, a idéia que a gente tinha, era que os alunos eram mais burgueses, eram alunos de classe média, tinham alguns alunos de classe média alta, inclusive socialite e etc, que se tornaram socialite, que saiam em colunas sociais. tinha isso né. Eu não sei se hoje em dia é assim, se tem essa diferença entre o curso de história da noite e o da manhã. Mas naquela ocasião, tinha. Se bem que depois houve uma mistura muito grande, que a partir de um determinado semestre o aluno da noite vai fazer curso na manhã, e vice e verso, já tinha isso. Mas, eu acho que é basicamente isso, tinham colegas de diferentes classes sociais. [F.H.: E a formação e o interesse?] As pessoas tinham formações diferenciadas, interesses também diferenciados em relação a história. Acho que inclusive muita gente fazia história porque na época

era moda se fazer história. Muita gente vinha fazer história na UFF porque a UFF era de boa reputação e também porque era moda fazer o curso de história, e eu não sei, mas talvez o nível de, Ah, de finalização desses cursos naquela ocasião, talvez fosse mais alto do que vinha a ser hoje, por causa de interesses das pessoas. Eu não sei, é um palpite que eu tenho.”

F.H.:” Professor, descreva o ambiente do curso? Se o Sr. puder fale do ambiente intelectual, social e festivo do curso.”

L.C.S.: “ O ambiente intelectual era dos melhores. É claro que a gente tinha professores excelentes, outros professores que não eram tão excelentes assim, mas também a gente tinha uma boa relação, é, pessoal, mas, inclusive, se estudava muito, e era uma época que mesmo os alunos de origem proletária, eu era um aluno quase que proletária, de classe média baixa, mas como eu trabalhava outras pessoas também trabalhavam ,nós tínhamos condição de comprar livros, coisa que hoje os alunos não tem, né. Era inadmissível se tirar xerox, até mesmo porque era uma coisa interessante pra gente, ter uma boa biblioteca, porque se você não tivesse uma boa biblioteca, Ah, as vezes você nem podia chamar uma moça que você estivesse interessado para estudar na sua casa(risos). Tinha essa coisa isto é o lado mais folclórico, que vai mais para o lado festivo da pergunta que você fez. Não ,mas, independente disto, eu acho que a gente estudava mais, a gente lia mais, é, mesmo aqueles que trabalhavam no final de semana as pessoas se sacrificavam. Eu perdi muito final de semana, eu perdi muita noite tendo que estudar para fazer prova, tendo que estudar para fazer seminário, estudar para fazer trabalho. E era uma coisa que eu sentia que era importante para mim. Eu acho que essa consciência é muito maior naquela época do que hoje. Tinha-se uma tradição de estudo em grupo muito grande, inclusive era uma geração ainda remanescente no final dos anos 60 início dos anos 70, existia muito essa prática de estudar em grupo, seminários, de se discutir, que era uma coisa muito boa. Eu acho que lia-se muito, ou poucos talvez nem tanto, por conta das dificuldades naturais, mas lia-se mais do que hoje. Quando a gente ia fazer uma prova, era livro que a gente lia. A gente não fazia perguntas, ‘professor, que capítulos’, era uma outra geração. Então quer dizer, esse era um aspecto de seriedade intelectual. Alguns professores exigiam mesmo, né, exigiam muita leitura. Não era fácil. [FIM DO LADO A] [COMEÇO DO LADO B] O que é isso, é quer dizer, é isso, não tinha essa coisa do pacto da mediocridade, a gente estudava, os professores cobravam, é claro que tinha professores que a gente gostava mais, outros que agente gostava menos, se fazia como hoje, muita sátira as professores, quer dizer, comentário de aluno é comentário de aluno. As vezes eram comentários terríveis, evidentemente que eu não posso reproduzir hoje, da mesma forma que vocês fazem com a gente, né. E era isso, eu acho que era um bom ambiente intelectual. O outro é o que? [F.H.: Social, festivo.] Eram três coisas. [F.H.: O social o intelectual e festivo.]

O social e festivo era ótimo. O velho ICHF nos anos 70 era ótimo. Inclusive, é, existia muito mais integração do curso de História e Ciências Sociais do que existe hoje. Até mesmo o diretório acadêmico era um único diretório acadêmico, era o DAS, Diretório Acadêmico Raimundo Soares, que hoje é só dos alunos do Curso de Ciências Sociais, então era o mesmo diretório, né. E isso fazia com que nós tivéssemos uma relação muito maior, inclusive onde era o velho ICHF, lá na Lara Vilela, por exemplo, tinha uma quadra de futebol de salão, e ali era a quadra dos encontros. Existia o curso de Psicologia, é, era muito distante o curso de psicologia da gente, até mesmo para arrumar namorada lá na psicologia, o negócio era meio complicado. Teve uma vez que eu arranjei uma namorada lá, foi complicado, foi

complicado à beça. Mas entre história e ciências sociais, a primeira namorada, o primeiro amor universitário era de ciências sociais, então a gente tinha umas relações excelentes, né. Houve muitos casamentos naquela ocasião, mas era um clima assim muito legal, casamentos e descasamentos. Era um clima muito legal. Era um clima assim de muita irreverência, nós ainda pouco estávamos aqui contando a história de dois casais. Um casal gay, e um casal de lésbicas, não é. Eram pessoas assim extremamente pioneiras, naquelas circunstâncias, e, foi muito interessante que a gente vindo de uma certa formação, mas familiar e tradicional, se deparou com aquelas pessoas e aquilo foi bom para a gente aprender, para a gente se reciclar, no mundo. E o ICHF foi assim uma abertura de cabeça muito boa. Acho que gerações que estudaram no ICHF entre 70 , nos anos 70, de modo geral, foram gerações assim muito interessantes no sentido da , é, do caráter transgressor, em diversas frentes, seja na frente política, seja na frente comportamental mesmo. Até hoje, quer dizer, eu ainda não pude ir não, mas a primeira grande festa dos alunos do ICHF dos anos 70, é, foi organizada por uma colega quando eu tava na Inglaterra, eu não pude ir. E até pouco tempo teve uma na Gafieira Elite, não é, mas eu também não pude ir porque eu já tinha um compromisso familiar, mas eu estou inclusive com saudade de encontrar aquela gente. É um negócio muito legal, eram festas assim ótimas, e inclusive com uma grande porrada política, né, porque existiam divergências políticas muito grandes, o pau comia, aquelas posições mais radicais, posições menos radicais. Eu me lembro que, na ocasião eu fazia parte de um grupo político que concorreu ao Diretório, mas a turma do Partidão ganhou, apoiados pelos alunos da manhã, a gente tinha uma bronca com os alunos da manhã por causa disso, né, e, quer dizer, essas coisas talvez não sei se existem hoje ainda, mas isto daí animava a gente, mas o que era interessante era o seguinte, agente podia até não gostar da posição política do outro, mas tinha um espaço de convivência, tinha um espaço do bar, não é. E, muitas vezes nos nossos intervalos de aula se prolongavam no Bar do Nelson, um bar que tinha que era o nosso ponto de sociabilidade, e muitas vezes terminava a aula sexta-feira, e a gente ia direto para o Bar do Nelson, pra se confraternizar, pra enfim, tomar cerveja. Era um ambiente muito bom, social, é, intelectual. E tinha, nós tínhamos até relação com alguns professores, a gente ia na casa dos professores, para festas, churrascos, e enfim, era uma coisa ótima. Eu tenho saudade daquela época.”

F.H.: “ Havia o predomínio de alguma corrente teórica? “

L.C.S.: “ Sim, sim, é, no ICHF nós éramos assumidamente marxista, todos, quase todos os professores e alunos. Evidentemente que havia variações, mas o ICHF sempre foi um centro de resistência teórica, é, nesse sentido, na época da ditadura, e começou a produzir coisas muito boas. O marxismo, eu acho que tinha razão de ser naquela ocasião, né, então, é claro que algumas pessoas foram se abrindo, encontrando inclusive alternativas em relação a outras correntes, por exemplo, como é o meu caso. Eu nunca joguei pela janela toda a minha formação marxista, mas eu abri possibilidades para outras correntes do pensamento também. Mas, Ah, a velha base contínua.”

F.H.:” Quais eram os autores e quais eram as obras mais utilizadas ? ”

L.C.S.: “ Eu acho que depende muito do curso, depende muito do curso, curso de história moderna, história do século XIX. Eu lia muito sobre transição, alias, você pode ver negócio de manufatura, transição, teses que eu escrevi. Até hoje, eu acho

que a questão da transição das passagens de um sistema para outro, de um tipo de sociedade para outro. Tudo isso me influenciou muito, eu acho que até hoje eu faço essa discussão. Eu me lembro que quando eu fui fazer concurso para titular, eu fui escrever um memorial, uma espécie de história de vida, uma espécie de história da formação, eu acabei apontando isso. Isso de certo modo nasceu naquela época do ICHF. A gente lia muita coisa, e eu gostava muito sobre esses assuntos de transição. Na época, a moda era a transição do feudalismo para o capitalismo. Lia-se muito Dobb, Sweezy. Ou então outra transição era para o socialismo, é, e novamente aí envolvendo o Paul Sweezy, com o Charles (?), um autor muito em voga na ocasião. Lia-se muito o Marx. Eu li O Capital. Tinha grupos de estudo para ler O Capital, ler O Capital, né. Eu li A Ideologia Alemã. Eu li as principais obras de Marx. Começávamos a ler o Hobsbawm, também. Agora, eu tive uma formação Althusseriana, as obras de Louis Althusser, um marxismo meio estruturalista. E depois, até 75, eu trabalhava muito nessa direção. Hoje eu passei a fazer uma série de críticas. Aí comecei a ler Gramsci, não é. Passei a trabalhar numa linha de marxismo gramsciano. Hoje eu trabalho um pouco nessa direção, aquela coisa da hegemonia. Eu acho que desse período, da influência marxista que eu tive, isso tenha ficado, além das obras dos outros historiadores marxistas, principalmente o Hobsbawm.”

F.H.: “ E por que o Sr. preferia esses autores?”

L.C.S.: “Por que eu preferia? Porque eu acho que eram autores, na minha concepção, que tinham uma forma, digamos, mais razoável, né, não vou dizer mais correto ou verdadeiro, não é isso não, mas uma forma, digamos assim, mais interessante de interpretar os processos históricos. Então tenha sido por isso. Além disso, o Hobsbawm, por exemplo, é um historiador apaixonante, até hoje eu gosto muito do Hobsbawm, embora eu possa fazer algumas críticas em relação a algumas coisas que ele coloque, ele escreve bem, tem um estilo cativante. Tudo isso fez com que eu gostasse muito. Eu esqueci de dizer também. Eu gostava muito de um antropólogo que tinha trabalhos históricos, o Maurice Demollié, nas discussões dele sobre as formações sociais pré-capitalistas. Depois, Ah, teve um determinado momento em que todos nós fomos influenciados pelos primeiros trabalhos do Ciro, os modos de produção, ou os modos de produção escravista colonial. Depois, já no mestrado, na fase de redação do mestrado eu comecei a fazer todo um tipo de crítica para esse tipo de coisa, mas isso daí eu já estava terminando a faculdade, iniciando o mestrado, quando essas leituras começaram a ser feitas e esse tipo de discussão começou a ser feito no país.

F.H.: “Professor, como era a relação entre as discussões políticas, a militância e a ditadura, vocês tinham medo disso dentro da faculdade?”

L.C.S.: “ O que, da ditadura? Ah, tínhamos, tínhamos. Porque inclusive tinha até mesmo alguns alunos que eram espíões, e volta e meia o velho ICHF ficava cercado. A Polícia Militar, nós tínhamos ameaças constantes, nem sempre velada, o Forte Gragoatá de invadir o ICHF, né, tinham situações que realmente pesavam. Nesse dia eu não estava não, porque eu dava aula à noite, e nesse dia calhou eu não sei se para sorte ou azar, porque eu acabei não presenciando uma situação histórica. Os alunos, inclusive, o presidente do DA, o Júlio, que hoje é professor da comunicação. A gente até brincava, porque ele tinha uns cabelos ondulados. Chamávamos ele de Júlio medusa, mas, o Júlio era presidente do DA, e os alunos peitaram e resolveram fazer uma assembléia e a PM soube e cercou o ICHF, e,

teve que se sair em “corredor polonês”, e foi uma barra pesada. Nesse dia eu não estava aqui, porque eu já era aluno de final de curso, isto foi em 75, final de 75, eu já estava dando aula, eu estava dando muitas aulas, então nesse dia eu não estava aqui. Eu não passei pelo constrangimento de sair da Universidade pelo “corredor polonês”. Mas existia esse medo, até mesmo porque existiam os famosos espiões, né. Eu mesmo tive problema porque em 63 eu fui preso e outras coisas. Fiquei quase uma semana no Doi-Codi, lá na Tijuca, tanto é que quando eu comecei a dar aula aqui na UFF, eu trabalhei muito tempo sem poder assinar contrato porque o Dops não me liberava o atestado de ideologia. Então a ditadura era uma coisa que estava muito presente na vida da gente até 78, 79, quando o regime começou a desmoronar, e aí veio a anistia. Agora, eu acho que talvez algumas formas de aceitação no marxismo elas variavam em função das formas que nós optávamos por um enfrentamento à ditadura. Era a própria linha de alinhamento com algumas organizações políticas de esquerda que existiam naquela época. Eu acho que no início, talvez, eu tenha tido muita simpatia pelo maoísmo, e, depois eu passei a fazer críticas, é, agora era um maoísmo não stalinista, isso é que era interessante. Eu não sei se a gente pode dizer que há um maoísmo não stalinista, talvez por conta destas relações com [Betellen ?] , que afinal de contas pode ser considerado um autor maoísta, mas muito mais pelo tipo de crítica que ele fazia ao PCF, pela forma em que ele interpretava a Revolução Chinesa. Mas, de qualquer modo, eu acho que rompi um pouco com isso. Eu comecei a me filiar um pouco ao pensamento de Gramsci, mas um pensamento mais à esquerda. A gente não gostava do Carlos Nelson Coutinho, porque ele tinha vinculações ainda com o velho Partidão. O Carlos Nelson e o Leandro Konder foram nossos colegas por aqui. Na época de um gramscianismo mais, de uma leitura que a gente chamava, que era uma leitura mais de [troglíati?], via Partidão. Era uma leitura de outros pensadores que talvez estivessem mais numa linha contra-reformista, mas numa linha revolucionária. Cristine Buck Glustman, quer dizer, até hoje eu não sei se é isto mesmo, a julgar, a Cristine, a Maria Antonieta Marqueoti, enfim, uma série de outros autores. Mas eu acho que era isso. Essa questão de posicionamento variava muito em função de como nós concebíamos o enfrentamento com a ditadura, né, e isto que fazia a variedade e a riqueza das posições de esquerda. Tinha posição a dar de pau. “

F.H.: “Professor, fale sobre os professores.”

L.C.S.: “ Os professores que eu tive? [F.H.: É, na graduação.] Eu acho que a maioria dos meus professores, é, se constituía por bons professores. Eu acho que eu tive realmente professores muito bons. É interessante que eu aprendi muita coisa com esses professores. Inclusive, tem coisas que eu estudei na graduação e nunca mais eu vi. Inclusive assuntos, matérias, que a gente não tem contato direto até porque, até mesmo porque a partir do momento que você vai fazer mestrado, se especializa e etc., você vai começar a desenvolver suas pesquisas numa determinada área de estudo. Mas o que é interessante, que as vezes quando eu vou a um congresso, ouço uma comunicação, um congresso, uma palestra sobre esses temas que a gente não estuda mais, mas que algum dia a gente já viu, é interessante perceber como aquilo que eu estudei naquela época, me deu uma base muito grande, inclusive para entendimento. Então, essa aí é a vantagem de um curso de formação geral da graduação. Você ter bons professores que na realidade acabam te obrigando a fazer boas leituras, né. E isto faz com que, quer dizer, tem algumas coisas que você esquece, evidentemente. Mas, há uma determinada base é a que continua, fica contigo, você carrega para o restante de

sua vida profissional. É claro que você pode ampliar aquela base ou não com as próprias circunstâncias da vida que definem isso, mas isso é que é interessante, né. Eu acho que eu tive bons professores. Poucos eram realmente os professores que eu podia dizer que não eram tão legais. Quer dizer, eles existiram, mas numa quantidade muito pequena.”

F.H.: “E quais deles foram mais importantes para a sua formação, e por que?”

L.C.S.: “ Eu acho que é meio difícil, se eu deveria responder dessa forma ou não. É sigilosa isso daí, né? Eu não gosto de falar muito não. É uma pergunta que eu acho difícil de responder. Eu disse que tive muitos professores bons. Esses professores bons de modo geral marcaram a minha formação. Agora, talvez existam alguns que a gente possa ressaltar. Por exemplo, eu ressaltaria a Professora Vânia, que foi minha professora logo no primeiro semestre, logo que eu entrei aqui na área de antiga e medieval. Eu ressaltaria Professor Geraldo Beauclair, com quem eu aprendi muito principalmente na área de história econômica, na área de história do pensamento econômico. Falei, do Professor Geraldo Beauclair, da área de história do pensamento econômico. O Professor Edmilson, embora nós tenhamos quase a mesma idade, ele é um pouquinho mais velho do que eu, mas eu fiz excelentes cursos com o Professor Edmilson. Acho que ainda hoje ele é um professor extremamente querido na graduação. O Professor Edmilson eu fiz cursos diversos, como de história moderna, história contemporânea. Eu me lembro de um curso que eu fiz, alias dois cursos dos grandes cursos que eu fiz com ele. Eu fiz diversos. A transição do feudalismo para o capitalismo. Não sei se o título, o nome da disciplina era essa, era um curso especial, mas a temática era essa. Um outro curso foi sobre o fascismo. A gente fez grandes leituras, boas discussões, e a turma inclusive era excelente. Ainda em história, deixa eu ver se eu me lembro mais. Ah, o Professor Ilmar, eu não poderia deixar de falar do Professor Ilmar, de história do Brasil. Eu não fiz muitos cursos com o Professor Ilmar não. Eu fiz uns dois cursos com o Professor Ilmar. Cursos assim para valer, né. Um curso sobre historiografia colonial. Há um ouro curso sobre história política no século XIX, questão da centralização-descentralização. Antes eu cheguei a fazer um curso assim como ouvinte do professor Ilmar. Nessa época, eu estudava de manhã, e parece que tinha um ou dois dias que eu vinha à noite só para assistir os cursos com o professor Ilmar, é, como ouvinte. E aqueles cursos eram bons para mim porque eu dava aula de história do Brasil, e aquilo me servia, me ajudava, por isso que eu fazia isso. Eu dava aula de história do Brasil em vestibular, como eu já falei. E fora do Departamento de História alguns professores me marcaram. O Professor Vagner, de antropologia, eu fiz curso de antropologia com ele. A Professora Stela, da antiga disciplina de sociologia. Essa Professora Stela mais tarde foi embora, tá na França. Nunca mais voltou para dar aula aqui, se casou por lá. E também a Professora Maria Antonieta, que era e é professora de ciência política. Então eu acho que são estes os professores que me marcaram na minha passagem pela graduação do ICHF.”

F.H.: “Como era a relação entre professores e alunos? Havia algum conflito que o Sr. Lembre? “

L.C.S.: “ Ah, existia um relacionamento bastante intenso entre os professores e alunos. Ah, só uma coisa. Eu me esqueci de falar da Professora Ana Maria dos Santos, que foi minha professora de história da América. Eu gostaria de registrar isso daí. Mas voltando a Professora Ana Maria, eu acho que todos os cursos de

história da América que eu fiz aqui na UFF foram com ela. Desde os básicos até os cursos especiais. Naquela época se chamava cursos especiais. O Professor Almir Chaiban também foi um professor importante, eu cheguei a fazer dois cursos com ele. Mas voltando a pergunta que você fez e que eu já estava começando a responder é que na realidade há algumas disciplinas que a gente fez naquela ocasião e que teve conflito com os professores. Poucas disciplinas. Eu acho que inclusive, ontem eu estava me vendo como aluno com uma votação do Conselho Universitário que foi polêmica, né. E os alunos, a representação estudantil caiu de pau em cima dos professores, em cima da votação que a gente fez. Os próprios representantes do ICHF caíram de pau em cima de mim e do Novais. De certo modo naquela ocasião existia isso daí, porque vivia-se anos terríveis de ditadura e os professores não podiam ter um comportamento, embora terem uma grande liberdade de pensamento no ICHF, embora não podiam ter um comportamento tão, digamos assim, aparente como os alunos gostariam. E as vezes se tinha algumas brigas e conflitos por causa disso, e os professores acabavam sendo chamados pelos alunos de reacionários, de fascistas, né. E na verdade não era nada disso. Os estudantes é que não tinham condições, talvez por falta de experiência, de medir qual era a responsabilidade que os professores tinham, embora o tacape do 477 existia tanto para um quanto para outro, mas os professores tinham uma responsabilidade muito maior. Numa hora dessas, eram eles que poderiam ser responsabilizados por instigar a formação comunista na cabeça dos “pobres” alunos, dos indefesos alunos ou coisa semelhante. Sempre quando a ditadura tinha que dar pau nos alunos ela dava mesmo, quando tinha que bater ela batia e pronto e acabou. Mas existiam conflitos dessa natureza, os estudantes queriam entrar em sala para dar sua mensagem justamente na hora que o professor tava dando aula, falando coisas importantes... E nenhum professor gosta de ser interrompida na hora em que ele esta dando aula e falando coisas importantes. E os alunos não gostam de entrar nem no início e nem no final, porque tem pouca gente, né. Eles querem entrar no meio da aula, então as vezes fica um negócio difícil de se entender. Mas eu acho que era mais por causa disso. Raramente, eu não me lembro de termos grandes conflitos por causa de, é, um professor, ou um professor que era acusado de insuficiência pelos alunos, ou problemas disciplinares. Eu acho que em relação a isso não. De modo geral, talvez como existe hoje, havia uma relação de camaradagem entre os alunos e professores do ICHF, e em particular do departamento de história. Era raro era quando os professores organizavam uma reunião alguma coisa, uma excursão, uma festa para os alunos irem e tudo mais.”

F.H.: “Professor, fale um pouco com eram as aulas. “

L.C.S.: “As aulas, eu acho que não eram tão diferentes do que são hoje não, tá. Eu acho que não eram tão diferentes não. É, quer dizer, os professores davam aulas expositivas. Eles tinham aquelas aulas em que a gente fazia a exposição do texto, seminários... não sei se são diferentes não. Por exemplo[pausa para ver de onde vinha o som alto] Ainda sobre as aulas, eu acho que quando existia alguma coisa especial, a necessidade de alguma coisa especial, não é, por exemplo, é, a apresentação de fontes ou arquivos aos alunos, a gente ia com os professores em bibliotecas, arquivos. As vezes existiam excursões com o Marcos Waldemar, o falecido Marcos Waldemar organizava muita excursão da disciplina dele, história fluminense. O Marcos acabou marcando muito a gente principalmente pelo caráter de afetividade e de alegria que o Marcos tinha. É basicamente isso. Eu acho que não tinha grande diferença. Por exemplo, como hoje, se bem que naquela ocasião não tinha vídeo cassete. Hoje os professores tem este recurso, utilizam vídeo

cassete, gravam uma fita aqui para a gente ver, discutir...é evidentemente sobre temas históricos. Naquela ocasião não existia essa possibilidade, então quando muito o professor indicava algum filme sobre o que ele estava dando. A gente ia ao cinema, agente via e depois a gente procurava discutir.”

F.H.: “Que tipo de aula você gostava mais? “

L.C.S.: “Não tinha predileção não. As vezes quando o professor era bom, a gente queria mais que o professor continuasse a falar. As vezes passava-se, e quando a gente via tinha que sair correndo para não perder a barca de dez e dez, ou a barca de 10 horas, uma coisa assim. Não, a barca de dez e dez, porque depois da barca de dez e dez, só a barca de dez e trinta e a gente ia chegar muito tarde em casa... então essa era a preocupação. De modo geral a gente corria para pegar a barca de dez para as dez, mas as vezes quando a aula era muito boa, o professor tinha muito que dizer para a gente, ai a gente tolerava que aula se estendesse um pouquinho e podíamos pegar a barca de dez e dez.”

F.H.: “E que tipo de avaliações eram utilizadas?”

L.C.S.: “Na graduação, inclusive até hoje eu sigo muito esse modelo, na graduação eram as provas. As vezes seminários, as basicamente as provas para a avaliação do conteúdo geral dado na disciplina. Agora, a partir dos cursos especiais, que hoje nós chamamos de profissionalizantes, a gente além de seminários, tinha também a elaboração de trabalhos, exatamente o que eu faço até hoje nas disciplinas que eu administro. Eu acho que com um pouquinho mais ou menos de flexibilidade a gente acaba desenvolvendo esta mesma metodologia de avaliação.”

F.H.: “ Naquela época quais eram as possibilidades de pesquisa para os alunos da graduação? “

L.C.S.: “ Eram talvez não muito diferentes das que nós temos hoje, embora eu comecei a fazer a graduação, quer dizer, o meu curso de graduação, o meu início de graduação começou, aliais, desculpa, coincidiu com o início da pós-graduação aqui da história. A pós-graduação aqui na história começou em 72, e 72 foi o ano em que eu entrei, e naquele momento é que se estava começando a criação da prática de pesquisa inclusive entre os alunos. Eu talvez tenha pego uma geração de transição em que a questão do ensino ainda era muito importante e a questão da formação do professor... eu mesmo, é, primeiramente me tornei licenciado, só depois que eu fiz monografia e eu tive bacharelado, porque para mim e para muita gente, era muito mais importante e se tinha muito mais campo no magistério. Então, eu acho que por isso, Ah, nós não só preferíamos como a ênfase do curso era essa, a licenciatura. Mas como eu te falei, eu peguei um momento de transição, onde a prática de pesquisa estava começando a ser estabelecida, até em função da proximidade da graduação com a pós-graduação. Nossos professores de mestrado, desculpe, da graduação, estavam começando a fazer o seu mestrado, né. Eu me lembro...Vânia, Almir, Ana Maria, Gilberto, e todos os professores que, o Célio, todos os professores estavam começando a fazer mestrado, e, mesmo a nossa geração de professores que era muito boa, mas eram professores mais vinculados à uma antiga tradição, uma tradição de ensino. A própria Universidade na área de história era vinculada à área de ensino. O desdobramento do ensino com a pesquisa é uma coisa que começa a partir daí, e, ai é que começou essa preocupação com a pesquisa, inclusive alguns colegas meus que antes só procurariam uma alternativa de emprego no magistério [fim da fita 1 e início da fita

2] Mas então era isso que eu estava falando. Alguns colegas meus que antes procurariam alternativa de trabalho no magistério, começavam a ver a possibilidade de trabalho em instituições de pesquisa e era o momento que, por exemplo estava surgindo o, não sei se estava surgindo, mais pelo menos o CPDOC estava se ampliando, a casa de Rui Barbosa o Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional, enfim, professores que estavam fazendo dissertações de mestrado as vezes precisavam de auxiliares para esse trabalho de levantamento de fontes, ai começavam a requisitar trabalho de aluno. Quer dizer, isso ai começou naquela ocasião, e eu comecei a pegar, desculpe, a ver este tipo de possibilidade, né, só ao final do meu curso de graduação, tanto é que eu entrei na graduação, eu jamais pensei em fazer mestrado, isso daí só se colocou para mim como uma possibilidade no final do meu curso de graduação. Então, a partir daí é que a pesquisa começou a entrar mais basicamente na vida da gente, mas a partir daí, de 75, 76, é que essa realidade de ensino e pesquisa começou a se colocar como usa coisa muito presente na vida do nosso departamento.”

F.H.: “O Sr. atuou em alguma monitoria ou projeto de pesquisa?”

L.C.S.: “Não, monitoria. [O Sr. Pode caracterizar o trabalho que realizava?] Ah, eu atuei na monitoria, eu acho que eu fiquei dois anos como monitor. Fui monitor de história econômica geral e da formação social brasileira e era uma coisa que a gente brincava muito, a gente chamava de miscelânea I, miscelânea II, eu não sei se ainda hoje é chamada assim. É com o Professor Gilberto e depois de história do Brasil com o Professor Ilmar. Naquela ocasião, não existia nenhuma regulamentação da monitoria, então o que que eu fazia? Como o Giberto era o vice-diretor ou diretor do instituto, era vice-diretor, a diretora era a Professora [?] da sociologia. Gilberto as vezes não tinha muito tempo, então eu dividia uma turma com ele. Ele parece que dava aula em um dia, na Terça, eu dava aula na Quinta, ou vice-versa, eu dividia a turma com ele e não era pouca coisa não. Era um curso que a gente podia julgar que não era fácil de dar não. Era uma turma para ciências sociais, e os alunos de ciências sociais tinha um nível teórico muito elevado que até eles se sentia num nível superior que os alunos de história. Hoje(risos) é o inverso, né. Mas os caras liam Marx, Weber e nem sempre as pessoas de história liam isso. Eu sempre procurei fazer essas leituras, né. Agora foi basicamente isso. Com o Ilmar, eu falei que fiquei dois anos, mas não foi isso não, eu fiquei um ano e seis meses, um ano e meio. Com o Ilmar eu fiquei como monitor seis meses, foi um projeto de trabalho, um levantamento bibliográfico para os cursos de graduação e basicamente parar os cursos básicos da graduação.”

F.H.: “O Sr. Teve alguma experiência de ensino durante a graduação? “

L.C.S.: “ Durante a graduação eu tive experiência de ensino sim. É, eu acho que eu já falei anteriormente nas perguntas formuladas, eu comecei a dar aula quando eu estava no segundo ano de Universidade, no terceiro semestre eu comecei a dar aula em cursos livres, artigo 79 e pré-vestibular, inclusive eu comecei a dar aula em escola antes mesmo de estar formado. Eles aceitaram né, e inclusive eu dava muitas aulas. Quando, eu me lembro no ano que eu me formei, eu dava uma média de 40 aulas.”

F.H.: “E como o senhor avalia sua formação durante a graduação? Os pontos fortes e os pontos fracos? “

L.C.S.: “ Na graduação eu acho que minha formação foi excelente. Eu tive de um modo geral eu tive bons professores como eu falei. Uns se destacaram mais do que os outros muito por causa do meu interesse, que os meus interesses me dirigiam para determinados professores e não para outros, então é uma coisa muito subjetiva nesse sentido, mas eu acho que minha formação foi boa, foi excelente, é, eu tive uma boa formação teórica como tinha muita curiosidade por parte, por conta dessa discussão que a gente fazia no ICHF. Tinha muita discussão política, discussão política de fundo, discussão sobre linhas políticas, e isso faz com que, de uma maneira ou de outra, a gente se interesse por teoria, então eu tive uma boa formação teórica e inclusive fiz muitos cursos na área de ciências sociais, diversas sociologias, diversas antropologias, é, dois cursos na ciência política, então tudo isso daí reforça a nossa formação de historiador. Então para mim, aquele negócio do Braudel de romper a fronteira entre as diversas disciplinas das ciências humanas era uma coisa presente, não digamos assim como uma bandeira, mas como uma coisa prática, inclusive eu acho que havia uma integração muito grande nos anos 70 dos diversos departamentos, que talvez não seja tão intensa hoje, né, essa integração existe mais ao nível da formalidade e não da efetividade. “

F.H.: “ E o curso na época, privilegiava a formação de professores ou de pesquisadores? “

L.C.S.: “ Não, eu acho que de certo modo eu respondi isso daí. Embora existissem as duas possibilidades, eu acho que a grande maioria dos estudantes preferia a licenciatura porque ele dava um acesso direto ao mercado de trabalho e ainda se conseguia ganhar um bom salário, nos anos 80 se conseguia ganhar um bom salário. Claro que trabalhando muito. O nível salarial da rede pública estadual e municipal não tava tão deteriorado quanto hoje, então era uma alternativa direta. Eu acho que não só o curso direcionasse para essa linha, como também as próprias pessoas se sentiam estimuladas a se formarem enquanto professores de história. Depois mudou. Eu acho que a uma vocação muito forte aqui no nosso curso para a pesquisa, né. Algumas pessoas nem se preocupam mais dar aula no secundário e coisa e tal. Eu acho que é uma pena, que as duas coisas deviam caminhar juntas, porque as vezes a gente tem professores universitários que não sabem dar aula. São professores porque fizeram bacharelado ou mesmo fizeram de qualquer maneira a licenciatura e estão na universidade, fizeram mestrado e doutorado, mas as pessoas não sabem dar aula, quando muito entram em sala, discutem texto, mas eu acho que dar aula requer uma formação específica, e eu lamento um pouco isso. E isso para mim foi muito bom, embora eu tenha me interessado mais pela pesquisa num certo momento eu tive uma formação de professor, eu me considero um professor. “

F.H.: “Como o Sr. ingressou no Departamento de História da UFF? “

L.C.S.: “ Eu ingressei através de concurso de seleção para professor colaborador. Seleção pública inclusive, eram quatro candidatos, e eu me lembro que na ocasião foi selecionado a Professora Lana Laje e eu. Ela ficou em primeiro e eu em segundo. Depois pelo fato de ela Ter filho, Ter ficado grávida e ter saído eu fique e acabei fazendo concurso público, não seleção, concurso público para professor assistente na área de introdução ao estudo da história. Era como se chamava teoria e método do ensino de história. Alias, eu fiz seleção pública em 1976 para substituir a Professora Amélia, que infelizmente já faleceu é e naquela ocasião eu estava indo para a França fazer o doutorado e a minha vaga naquela ocasião era

coberta pelo programa de PICD, o MEC não só mandava professor para fora como também pagava o salário do professor colaborador substituto. Então foi assim que eu entrei, até que depois eu tive minha situação regularizada quando eu fiz concurso em 1980, e assumi definitivamente uma matrícula de professor fixo na universidade.”

F.H.: “E como era o Departamento na época? O tamanho, as disputas, o funcionamento? “

L.C.S.: “Ah, o Departamento era pequeno nos anos 70, não mais que 30 pessoas, não mais do que isso. Nós devíamos ser em torno de 25 professores. Eu acho que com certeza existiam disputas, mas estas disputas inicialmente se davam mais com os professores antigos, agora a partir do momento que eu entrei já existia professores colaboradores, e eu acho que teve uma ocasião, por Ter muita gente fora por causa do doutorado, e daí eu sinto que havia um certo conflito, não muito grande, entre os professores do quadro permanente com nós, professores colaboradores. E, mas isto daí depois foi diluído, mas estes conflitos talvez existam hoje, só que naquela ocasião os motivos eram relacionados a determinadas situações e hoje a outras. Como hoje também tem, de vez em quando a barra pesa, mas ai a gente jogar água fria (risos) para diminuir a fevura. “

F.H.: “Como é hoje, o tamanho do Departamento, a ênfase e as disputas?”

L.C.S.: “O Departamento já foi bem maior do que é hoje. Ele já teve pouco mais de 70 professores no final dos anos 80 início dos anos 90. Mas com a política do governo muita gente se aposentou, além é claro de alguns falecimentos, infelizmente, mas o Departamento está na casa dos 50 professores, mas ainda é um dos maiores departamentos do país, se não o maior departamento do país. Agora, eu acho que há disputas sim, brigas, mas eu não acredito, brigas inclusive por ênfase, mas eu acho que são muito diluídas. Eu acho que mecanicamente a gente não pode falar na existência de grupos A ou B ou C no Departamento, até mesmo porque eu procuro agir dentro do Departamento com uma independência muito grande, eu me dou praticamente com todo mundo, eu não tenho inimigos no Departamento, as pessoas podem não gostar de mim, mas eu não tenho inimigos no Departamento, inclusive eu me dou com todo mundo. Como eu estava falando, eu não sei, mas eu tenho dificuldade de vincular mecanicamente a existência de grupos A, B, C ou D. a grande maioria dos professores haja de modo independente. Talvez existam grupos circunstanciais em torno de coisas, agora não sei se desde que o Departamento é departamento existe um grupo ou uma coisa assim, até mesmo porque as situações são muito circulares, mudam muito, felizmente, pelo menos eu acho que isso é uma coisa positiva, é um departamento muito eclético, muito diversificado no bom sentido. Eu acho que isso é bom inclusive para os alunos, porque os alunos tem diante de si a possibilidade de optar coisas bastantes variadas. “

F.H.: “ Professor, fale sobre a ênfase que você vê no Departamento hoje? “

L.C.S.: “A ênfase de que tipo? [F.H.: em pesquisa.] A ênfase em pesquisas históricas é interessante, porque quando eu entrei aqui existia uma ênfase muito grande em termos de história econômica, e hoje nem tanto. Hoje eu acho mais história cultural, história do poder e das instituições políticas, eu acho que são os campos que tem atraído bastante atenção não só dos professores, mas também

dos alunos, talvez hoje seja a linha forte do Departamento e da pós-graduação. Poderia se colocar um pouco história das mentalidades, eu acho que muito associado à questão, é, história cultural, história do poder e das instituições políticas. Eu pelo menos vejo um pouco nessa direção. Talvez se a gente fosse colocar algumas coisas, história cultural história das mentalidades, história do poder nas instituições políticas. Eu particularmente estou tentando aos poucos introduzir uma nova área no Departamento, né, que é a área de história social da ciência, que tem uma vinculação muito grande com a área da epistemologia e mesmo com história da cultura, não tem como negar. “

F.H.: “Quais eram as condições de trabalho na época? “

L.C.S.: “ Que época? [F.H.: Quando o Sr. ingressou no Departamento.] Bem a começar pelas condições salariais e materiais. Eram bem melhores do que as que nós temos hoje. Quer dizer, naquela época não existia computador, quando muito nós tínhamos uma máquina elétrica ou um mimeógrafo eletrônico, uma outra situação, mas as nossas condições salariais eram bem melhores, evidentemente. As condições materiais também. A universidade tinha mais verba, por exemplo, embora nós naquela ocasião não tenhamos uma biblioteca tão grande quanto a que nós temos hoje, mas mesmo se o aluno tinha uma origem mais humilde, mais pobre, ele podia comprar livros, não muitos livros, não grandes compras. Comprava-se livros, tinha-se o hábito de comprar livros, né, é, eu me lembro que quando nós iniciávamos o semestre o que que acontecia, na minha época de estudante, inclusive, o que que acontecia, os professores da disciplina organizavam cadernos de textos principalmente daqueles textos mais difíceis, em língua estrangeira, ou então por textos que não circulavam muito em função da ditadura, as pessoas usavam esses cadernos de textos e distribuíam para a gente no início do ano, coisa que hoje é impensável. Não existia xerox particular ou xerox privada no interior do nosso instituto. Muito pelo contrário, inclusive tinha textos. Os professores pediam a mecanografia, o Sr. Rodino, o Sr. Manoel para rodarem textos e estes textos eram distribuídos aos alunos gratuitamente, na ocasião. E eu peguei uma boa parte da minha carreira como professor a existência dessa facilidade. Agora eu acho que estas condições materiais era melhores, de certo modo, embora não houvesse uma grande especialização , e o Departamento e a pós-graduação não fossem tão renomados como são hoje, mas as condições materiais que nós tínhamos eram muito maiores por conta de verbas consistentes e muito maiores da nossa estrutura acadêmica e universitária. Falei materiais e salariais, humanas eu já falei.”

F.H.: “E como o Sr. Vê a proposta de autonomia da Universidade proposta pelo governo? “

L.C.S.: “É um descalabro. Eu particularmente sou contra que essa proposta de autonomia, eu inclusive já escrevi muita coisa sobre isso, no próprio *Gerais* do CEG, e já escrevi uma série de artigos sobre isso. Eu particularmente acho que a idéia fundamental de autonomia do governo é a de repassar um mínimo de recursos para a Universidade e a Universidade vai ser obrigada a captar recursos através da venda de recursos para o mercado, então a inserção da faculdade dentro da lógica mercantil capitalista é isso que o governo quer, e de certo modo a gente rebate isso. No Conselho Universitário tem até a votação de um projeto que a gente tenta limitar este tipo de coisa na universidade, alias ontem foi até votado o

primeiro item do projeto, deu panos para manga, depois eu te falo, o Calado já fez discurso.”

F.H.: “As novas políticas de financiamento para a pesquisa e as mudanças na carreira docente afetam seu trabalho?”

L.C.S.: “Eu acho que afeta o meu e de todos os professores, porque o financiamento para a pesquisa está cada vez mais exíguo, porque cada vez vai sendo mais reduzido e não tem como não afetar o trabalho porque, veja bem, se antigamente o professor era um mero repassador do conteúdo, hoje ele não é um mero repassador do conteúdo, hoje ele é um produtor de conteúdos, de conteúdos históricos, e a produção de conteúdos históricos se fundamenta através da pesquisa, da pesquisa original da pesquisa inovadora, então a medida que se reduz dinheiro e recursos para a pesquisa evidentemente que as condições de trabalho dos professores universitários ficam extremamente prejudicadas, então o que que acontece. Se o professor não tem recursos para a aquisição de livros para a pesquisa, e muitas vezes pesquisar significa viagens, para a produção de materiais produzidos na pesquisa, fontes e sobretudo microfimes, xerox, como é que o professor vai ter condições de escrever o seu trabalho, escrever artigos, livros, e é isso que é fundamental. Eu acho que hoje a gente está nessa encruzilhada, desenvolveu-se uma estrutura inclusive bastante avançada e complexa na universidade e sobretudo no nosso Departamento, na nossa pós-graduação e de certo modo isso acaba sendo bloqueado pela falta de recursos, eu acho que se os recursos fossem maiores não só os professores, mas alunos participando como bolsistas, mais bolsas para os alunos, ou de iniciação científica ou bolsas para o mestrado e doutorado para viabilizar mais rapidamente o nosso trabalho, eu acho que o salto que a gente daria seria muito maior e digamos assim, a produção de conhecimento de ponta seria muito maior, então não tem como não prejudicar.”

F.H.: “E como o Sr. vê a situação da Universidade Pública hoje em dia?”

L.C.S.: “Eu acho que a situação da universidade pública é basicamente esta que nós estamos falando, ela tá em uma encruzilhada, numa sinuca de bico. Agora por outro lado a situação da Universidade Pública e sobretudo sair dessa sinuca de bico não depende só dela, ou não depende exclusivamente só dela, eu acho que a situação da Universidade não vai ser resolvida a partir da Universidade, muito pelo contrário, a Universidade se vincula ao contexto geral, as condições gerais do país, e a política hegemônica que nós temos hoje e privatizante, capitalista e neoliberal, que procura ver a universidade muito mais como uma empresa do que como uma área de produção e transmissão do conhecimento. Ela até entende a produção e reprodução de conhecimento, mas inserida numa lógica empresarial e privatizante que nós estamos vendo, então há uma luta muito grande no interior da universidade para que isso não aconteça, até mesmo em diversos setores, mas até agora a gente não tem tido força porque, a gente tem resistido no âmbito da UFF, mas é uma resistência difícil, e a gente tem que estar para além da Universidade, um trabalho de contra-hegemonia de propostas para o governo para que novamente tome não só projetos relativos à Universidade, mas também projetos relativos ao ensino, à educação, mais globalizantes, mais incluídos de boa parte de população e conseqüentemente como uma Universidade vista, ou como um sistema de ensino visto como principal suporte para o desenvolvimento do país, não só econômico, mas um desenvolvimento político, humano, isso é que é

importante. A retomada de uma perspectiva para a Universidade com um caráter social, um compromisso social. A universidade não é feita única e exclusivamente para doar os títulos e as comendas titulatórias aos professores e seus alunos. É claro que a universidade se organiza através da qualificação, de uma carreira organizada e hierarquizada pela titulação, enfim, mas na realidade essa universidade tem que Ter um compromisso social, até mesmo porque ela é apesar das dificuldades, financiadas com recursos públicos e queremos que continue a ser financiada com recursos públicos principalmente e em função disso o que ela produz tem que ter como resultado ou elemento de aplicação esse destino mais social, esse caráter de propriedade cujo o fim é da sociedade. Então eu acho que ela é parte do desenvolvimento do país. Não sei se eu cheguei a responder.”

F.H.: “Quais são suas perspectivas profissionais para o futuro? “

L.C.S.: “As minhas são as melhores(risos), apesar da situação do país e da Universidade, eu me considero uma pessoa otimista. Quem viveu os 20 anos da ditadura e achou que aquilo nunca ia acabar, e a ditadura acabou, talvez não tenha acabado na direção que nós desejassemos, mas acabou, enfim, criou-se uma nova situação no país que aprendeu-se a ser otimista, então eu sou otimista, eu acho que essa política de pires na mão da Universidade, essa política de indigência dos professores colocada pelo governo, né, essa política não vai ser eterna, mais cedo ou mais tarde a gente vai dar a volta por cima no sentido que a sociedade, as forças sociais como um todo vão encontrar uma outra alternativa para o país e eu espero, eu acredito otimisticamente nessa possibilidade que não se vincule mais a este tipo de situação de excludência social que nós estamos vivenciando, excludência inclusive da própria Universidade em função dos pólos maiores do desenvolvimento e de contribuição desse desenvolvimento do país, até mesmo porque o governo tem uma proposta burramente internacionalizante que é a de abrir as comportas e isso significou muito com a privatização das empresas públicas , o que que aconteceu, essas empresas foram privatizadas, assumiram grupos estrangeiros que estão acostumados a comprar pacotes tecnológicos, e isso por exemplo, não na nossa área, mas na área de tecnologia, por exemplo com a privatização da Embratel ou do sistema Telebrás o que que aconteceu, muitas pesquisas que eram feitas pela Embratel ou pelo sistema Telebrás em convênio com as Universidades elas simplesmente foram paralizadas de uma hora para outra em função das prioridades dos novos donos e hoje em dia setores e mais setores de pesquisa foram, inclusive setores de ponta, inclusive, e essas empresas são clientes de firmas estrangeiras que oferecem à elas pacotes tecnológicos, então inclusive paga-se royals por esses pacotes. Não há mais esta preocupação, até mesmo a adoção do sistema americano, por exemplo em que as empresas tem departamento de pesquisa, não existe isso, a perspectiva é de um sistema empresarial claramente subordinado, uma industrialização subordinada, como a gente gosta de dizer, então eu acho que é isso. Apesar de tudo isso, eu acho que cedo ou mais tarde vai se dar a volta por cima. Eu acho que a universidade, ou melhor, a sociedade vai encontrar alternativas condizentes com uma tradição democrática, de se pensar a Universidade não como um apêndice, mas como uma parte integrante do processo de discussão dos problemas sociais, e contribuir também para a superação dessa situação terrível. Eu tenho essa visão, que é bastante otimista, mas eu não tenho bola de cristal, mas eu acho que quem já viveu muitas situações como eu já vivi, não que eu me considere o rei da experiência, mas eu acho que talvez por força do ofício e estar no magistério, os

cacoetes que os professores tem, a gente tem por comportamento ser otimista. Eu acho que algum dia vamos dar a volta por cima. “

F.H.: “O Sr. tem alguma proposta alternativa de financiamento da Universidade? “

L.C.S.: ”Se eu tenho uma proposta alternativa, o que você chama de alternativa? Porque o governo quer que a gente encontre [fim do lado A da fita 2 e início do lado B da fita 2] proposta de financiamento alternativa é isso, o governo da pouco dinheiro e as Universidades vão Ter que se virar, vender os seus serviços no mercado, seja ao nível do ensino, da pesquisa ou da extensão, para elas poderem encontrar fontes de recursos. Mas isto daí a gente não quer, a educação e a educação superior tem que ser financiada com recursos públicos, não só a educação, mas a saúde previdência e enfim. A gente tem que inclusive retomar essa tradição dessa prática política no sentido que se desenvolva um processo maior de democratização na universidade e na sociedade como um todo, é isso, são os recursos públicos que tem que financiar a Universidade, o financiamento fundamental dela tem que ser com recursos públicos. Agora, eu acho que as universidades podem até desenvolver formas complementares de financiamento, o que o governo quer é o seguinte, recursos para a Universidade tem que ser obtidos fundamentalmente conseguidos através da venda de serviços, e nos não queremos isso, o governo da pouco e a universidade vai pegar a maior parte fora. Nós achamos que esta formula tem que ser invertida, ou retornar ao que era, grande parte dos recursos vir do financiamento público e ai quer dizer, em outras universidades de outros países existe essa possibilidade também, mesmo nos EUA, para as atuais Universidades Privadas, mas as Universidade Públicas, que lá são estaduais porque lá não existe um sistema federal de Universidade, as universidades públicas tem mais ou menos o seguinte percentual. De tudo que as universidades arrecadam, 80% é do financiamento público dos governos estaduais e 20% que se da através de parcerias, depende, isso daí “e uma proporção média, uma universidade pode ter um pouquinho mais, outras menos, a média é essa, 20 % através de parcerias com empresas com os próprios organismos do governo e etc.. Agora, por exemplo chega, uma empresa pública ou privada e demanda a universidade um curso especial para seus funcionários na área de engenharia ou de seus funcionários na área de assistência social ,você acha que a Universidade tem obrigação de dar esse curso de graça, não, porque isso foge aos fins específicos da Universidade, eu acho que a Universidade tem que cobrar sim por esses cursos. A Universidade que é solicitada junto a uma empresa ela vai fazer isto de graça, não, isto daí não faz parte do fim específico e objetivo da Universidade. A Universidade tem que cobrar por isso, e não só nos EUA isto acontece, mas também em Cuba isso acontece, inclusive hoje existe uma super valorização na área médica das Universidades porque a medicina social se desenvolveu muito em Cuba depois da Revolução, e só você se lembrar que os acidentados de Chernobil foram ser tratados em Cuba, tá. Por exemplo, um amigo meu que tem problema de visão, volta e meia ele vai a Cuba e só conseguiu estancar o problema dele e Ter melhores perspectivas a partir dos médicos cubanos. Eles cobram e muitas vezes isso é desenvolvido nas Universidades, nas Universidades nos sistemas públicos de saúde de Cuba. Eles cobram isso na ilha e no caso de Cuba, em função do bloqueio, você não pode chamar isso de privatização. A privatização existe a partir de uma lógica empresarial na Universidade, uma lógica que faz com que a universidade tenha que buscar recursos fundamentalmente através da venda de serviços e inclusive pagando seus professores segundo as regras de produtividade que o modelo empresarial

capitalista dita, produtividade e competitividade, é isso que a gente não quer, essa que é a grande questão. Agora, isso daí não impede que as universidades busquem recursos complementares, as Universidades no mundo inteiro fazem isso, e inclusive o que eu acho que hoje em dia é fundamental é a gente manter intocável o ensino de graduação e pós-graduação *stritus senso*, eu acho que há deformações pro conta disso, né. Por exemplo, no nosso departamento nós somos obrigado a conviver com isso daí, mas não é para pagamento de grandes salários de professores, os chamados cursos auto-financiáveis como os curso de especialização, as chamadas pós-graduação, pós-graduação *Lato senso*, esse cursos de especialização de história do Brasil, história moderna e contemporânea e agora eu acho que vai Ter em antiga, nós estamos sendo obrigados a conviver com isso daí, mas isso mais por conta de uma demanda que o Departamento tem e os professores da rede tem essa demanda, muitos professores da rede vem aqui inclusive fazer cursos para melhorar não só o seu padrão salarial, porque a gente sabe que o padrão salarial da rede é pequeno, mas o seu padrão de conhecimentos. Sempre houve essa demanda para o nosso departamento e para a Universidade, a Universidade cobra uma taxa, essa taxa é pequena, eu não sei se é 60 ou 70 reais por mês. Por exemplo, o dinheiro arrecado quando muito paga um pequeno pro labore aos professores e eu te diria que é insuficiente para chamar aquilo de uma complementação salarial das suas necessidades, eu acho que não é por ai não. Eu acho que a gente tem que voltar a velha política de exigência de grande soma de recursos públicos para as universidades e para os demais níveis do sistema de ensino porque durante um certo tempo criou-se uma certa hipertrofia em comparação das Universidade com o ensino fundamental, eu acho que isso daí que a gente tem que cortar, e temos que lutar para que o país tenha um plano de desenvolvimento integrado, que articule fundamentalmente em termos de um ligação direta mesmo de retroalimentação do sistema de ensino básico fundamental e o sistema de ensino superior. Eu acho que nenhum país consegue se desenvolver cultural e cientificamente e ter uma repercussão desse desenvolvimento cultural e científico ao nível do desenvolvimento econômico e social sem que estabeleça previamente uma integração bastante íntima entre os sistemas de ensino básica, fundamental e superior. Eu acho que, voltando ao início da pergunta, não existe alternativa para a gente, a alternativa aos caos que hoje está existindo é o retorno à política clara e direta do financiamento público para a Universidade e para todo o sistema de ensino, é isso que garante o caráter de uma Universidade democrática, não excludente, um sistema de ensino democrático e não excludente. Porque ai sim, a privatização vai levar a elitização e a exclusão cada vez mais. Talvez o governo aposte nisso, deixar a Universidade como uma área de criação de gênios, uma área de mercado para os gênios e nisso o governo tem uma proposta que eu acho ainda pior que é a criação de dois tipos de Universidade, um pequeno número de Universidades voltadas para a pesquisa, a pós-graduação, que estas sim, seriam o, supra-sumo, o zênite com profissionais ganhando salários mais elevados e outras universidades que formariam só uma mão-de-obra básica, o que eles chamam de técnicos de nível superior, as licenciaturas que seriam chamados de escolões de terceiro grau. Então a proposta do governo é essa, e nós repudiamos isso, então o governo coloca propostas alternativas, mas estas propostas alternativas são caóticas e levam à fragmentação de qualquer perspectiva de desenvolvimento mais equânime e democrática, então agente de certo modo repudia isso, desculpe, a gente repudia isso, embora a gente seja obrigado a conviver com soluções provisórias e temporárias para não deixar a Universidade chegar a um caos generalizado, mas essas soluções como eu falei são provisórias e temporárias e elas vão nos servir justamente de base para nós

freamos o projeto de privatização do governo e também de base para uma luta para a redefinição do caráter da universidade e recuperação dessa perspectiva ampla e socialmente orientada dela.”

F.H.: “Hoje em dia, quais são suas principais referências teóricas? “

L.C.S.: “As minhas, bem eu tenho uma herança marxista muito grande, não consigo abandonar isso, embora não me considere, ou melhor, embora eu nunca tenha me considerado marxista ortodoxo, mas é trabalho com uma série de elementos do marxismo, mas eu trabalho com isso daí articulado com outras perspectivas, em termos de perspectiva historiográficas, a perspectiva das Escola dos Annales, em termos de perspectiva talvez epistemológica, eu tenho um diálogo com a epistemologia francesa, com o pessoal do Cuarre, Alexander Cuarre, Currian, Bachelar, foram extremamente importante para mim e mais recentemente as reflexões foucotianas, as reflexões de Michel Foucault, eu trabalho inclusive muito nessa linha para pensar as questões especiais e relativas à história da ciência. Eu particularmente estou em busca de um novo referencial teórico e explicativo, eu acho que nessa busca há um grande espaço de diálogo com essas três grandes correntes que eu falei e mencionei. Eu acho que elas serão muito importantes na busca de um novo referencial não só histórico, mas um novo referencial filosófico, ou seja, um novo paradigma epistemológico se você quer chamar assim.”

F.H.: “Professor, fale um pouco de sua produção acadêmica?”

L.C.S.: “ Da minha produção acadêmica, que tipo de coisa? [F.H.: pesquisas...] Já escrevi muitos artigos, eu trabalhei durante muito tempo de 1976 a 1987 com escravidão, sociedade escravista com história econômica social, escrevi uma dissertação de mestrado, escrevi alguns livros e muitos artigos sobre isso, e depois eu mudei por completo, eu comecei trabalhar a partir de 89-90 na área de história da ciência, história social da ciência e da técnica, melhor dizendo. E principalmente a minha preocupação se liga a história dos modelos de conhecimento ou paradigmas do conhecimento, nessa linha que eu tenho trabalhado, já escrevi uma tese para a prova de professor titular, que foi transformado em livro, já escrevi alguns artigos, quer dizer um bom número de artigos sobre isso, e atualmente eu estou desenvolvendo, quer dizer, dentro desta área eu mudei um pouco de tema porque eu trabalhei mais na área de revoluções científicas e hoje com a questão da introdução da idéia da ciência aplicada a partir da Revolução Industrial , e a minha perspectiva é não só escrever artigos sobre isso, mas também um livro, uma coisa mais a longo prazo. Eu estou desenvolvendo esse livro, vai ser minha meta ai por uns dois ou três anos.”

F.H.: “Professor, quem são seus alunos? “

L.C.S.: “Meus alunos, Ah, são diversos. Eu acho que não da pra dizer meus alunos são de um determinado tipo, eu acho que são assim tipos bastantes diversificados de alunos, gente muito interessada, gente mais ou menos interessada e gente pouco interessada e também gente que não sabe o que esta fazendo aqui, mas talvez estes quatro grandes tipos nós encontramos em qualquer outra universidade do mundo, em qualquer outro lugar do mundo que se dedique ao ensino, então meus alunos são esse escopo de gente. Agora, há também alunos das mais variadas origens sociais então é muito difícil dizer quem são os meus alunos. Eu

não creio que os meus alunos de modo geral sejam menos interessados do que os alunos da época que eu estudei, de modo geral os professores dizem: 'porque na minha época nós éramos mais interessados.' Eu não sei se é bem isso não. Eu acho que houve muitas mudanças daquela época para cá, o próprio empobrecimento do país, o nível de dificuldade econômica do país, hoje os alunos, a gente as vezes diz: 'os alunos não tem condições de comprar livros.' Não é isso não, os alunos as vezes não tem condições de tirar xerox dos livros adotados, que eu acho que é uma prática altamente condenável, agente tem quase que fechar os olhos por conta disso, porque senão ninguém lê, ninguém tem acesso à bibliografia, mas eu acho houve um empobrecimento de modo geral, tanto da classe média como de setores proletários talvez mais situados na vida que sempre foram o berço dos nossos alunos, então com o empobrecimento desses setores sociais evidentemente que algo repercute na dinâmica dos cursos, alias nós mesmos professores somos oriundos destes setores sociais, então é o empobrecimento de todo mundo, porque nós mesmos professores não temos mais condições de comprar livros com nós tínhamos a alguns anos atrás, né. Eu particularmente tinha crediário na Livraria Leonardo da Vinte, nem sempre eu viajava e a crediário, não podia viajar, tinha crediário na Livraria Leonardo da Vinte, na Ler, na Mestre Jú. A Mestre Jú eu não sei se existe, a Ler não sei se existe e hoje eu passo longe da Livraria Leonardo da Vinte, de vez em quando, muito de vez em quando eu passo lá. As vezes quando nós temos oportunidade de viajar a trabalho, viajar para os congressos é o uma vez que eu fiquei como professor visitante, alias duas, não, três vezes que eu fiquei como professor visitante, um mês na França, três meses na Inglaterra e um mês na Dinamarca, né, aí evidentemente que a gente tem um pouco mais de recursos e pode comprar livros estrangeiros e trazer para cá, porque são muito mais baratos do que os aqui produzidos, principalmente os livros em paper-back. Então se nós mesmos temos estas dificuldades, imagina os alunos, que ainda não tem um nível de profissionalização definido. “

F.H.: “Que tipo de formação você procura proporcionar para eles? “

L.C.S.: “Eu procuro proporcionar em termos de uma base geral , a formação que eu tive, acho que foi uma formação muito boa, foi uma formação ampla. Eu não acho que o aluno de formação universitária deva ser excessivamente especialista. O aluno de graduação universitário p[ode Ter a vocação para uma especialidade despertada, mas ele tem que ter uma formação digamos ampla e geral que de a ele a base para poder optar como também para reforçar essa sua própria opção, ou seja, fazer uma opção de qualidade, então eu procuro trabalhar dentro dessa direção. Eu mesmo sou muito inquieto intelectualmente, não trabalho só com um tema , eu não dou aula só de uma disciplina. Eu gosto de variar, atualmente eu tenho dado muita aula de história moderna e contemporânea, tenho evitado de dar teoria e metodologia da história que eu sempre dei, tenho dado cursos de epistemologia que tem uma vinculação muito grande com a história filosófica, eu tenho feito muito isso, procuro variar bastante. Eu acho que os professores deveriam ser professores de uma nota só, não que a gente tenha que embarcar todos os campos do conhecimento, isto é impossível, humanamente impossível, mas eu acho que os professores tinham que ter uma formação mais variada. Não é a toa que hoje nos EUA, depois do que eles chamaram de “falência da generalização” eles estão voltando a procurar lá, como eles chamam os velhos e bons professores generalistas, os professores que são capaz de dar uma base mais ampla indo para além das especialidades fragmentárias.”

F.H.: “O aluno da UFF sai preparado para ser pesquisador?”

L.C.S.: “ Eu acho que ele sai, mas esta é justamente a preocupação que eu tenho, ele deveria sair preparado para ser, ele deveria sair amplamente preparado para ser pesquisador, de Ter digamos assim, domínios sobre conteúdos os mais amplo possíveis, não de todos os conteúdos do conhecimento, mas os mais amplos possíveis no sentido de que ele possa desenvolver com fundamento esta atividade de pesquisa. Eu acho que, até mesmo porque nós precisamos entender que a pesquisa seja a super-especialização em uma determinada área temática em que o pesquisador vai passar dez, vinte ou o restante de sua vida. Eu particularmente não gosto desta perspectiva, eu acho essa perspectiva muito ruim, eu acho que há um pouco de tendência no nosso curso nessa direção, principalmente porque entre determinados setores, não sei se alguns professores mais novos, porque já são resultado do processo de pós-graduação, profissionalização da pós-graduação e especializações, mas eu acho que a gente tem que voltar também para a formação mais ampla do pesquisador, não só do pesquisador, como também do próprio professor. Nosso curso deveria o mais amplo possível, sem cair na esparrela da super-fragmentação, e inclusive limita muito o aluno, ou melhor, o profissional formado no próprio mercado de trabalho. “

F.H.: “E o aluno sai preparado par ser professor?”

L.C.S.: “Eu acho que da mesma maneira, ele sai preparado para ser professor, mas ele deveria sair preparado para ser professor de um modo mais amplo possível, até mesmo porque esse professor não vai dar aula daquilo que ele gosta, ele vai dar aula de conteúdos, que inclusive muitas vezes envolve suas preferências temáticas e de estudo e outras preferências que ele menos aceite, né, mas eu acho que o grande problema da formação de professores não está só aqui não. Eu acho que deveria haver uma reformulação completa das disciplinas pedagógicas, eu acho que mais cedo ou mais tarde nós vamos Ter que pensar nessa direção. Eu não sei se é um bom negócio fazer a formação dos professores nas chamadas faculdades de pedagogia, cursos de pedagogia, eu acho que desloca muito daqui, embora eu ache que há a necessidade na licenciatura do aluno Ter contato com disciplinas pedagógicas, mas eu acho que não, que a gente tem que repensar este tipo de coisa. “

F.H.: “Quais os principais problemas ou dificuldades que o senhor vê no curso de História da UFF? “

L.C.S.: “ Em termos acadêmicos? [F.H.: em termos gerais.] Tem aquelas dificuldades materiais que nó não vamos repetir,, mas eu acho que é isso, eu tenho medo dessa super-especialização em determinados temas. O professor tem que entrar em sala para dar teoria e metodologia da história, ele não pode dar só aquela temática que ele goste mais, enfim ele tem que ter um embasamento para pegar, enfrentar, dar aula sobre o maior número de pontos de um inventário. Um professor de história do Brasil, moderno, contemporânea também. Eu acho que isso daí deveria ser uma prática também para o professor, não que sejamos excessivamente generalistas, a arte é dosar o ensino, ou melhor, desculpe, a arte é dosar uma formação mais geral do professor e do pesquisador com o despertar com uma vocação para a pesquisa e para a especialidade. “

F.H.: O Sr. Se definiria como intelectual, pesquisador ou professor? “

L.C.S.: “ Eu acho que as três coisa são indissociáveis, não tem como negar que nosso trabalho seria um trabalho intelectual, mas eu não considero como um intelectual sabe tudo, como um intelectual guia, como um intelectual estrela. Eu acho q eu o intelectual é um organizador do saber, um organizador da cultura, essa talvez seja a grande característica do trabalho do intelectual. O intelectual tem essa função, é uma função específica do intelectual, a organização do saber, da cultura. Quando eu falo em organização é no sentido de incluir a produção e a transmissão desse saber, eu acho que tudo isso esta presente em nossa prática, então enquanto intelectual da área do campo de história eu tenho uma dimensão de trabalho que é a pesquisa e outra dimensão de trabalho que é o ensino, e as duas coisas são indissociáveis, com estas duas coisa indissociáveis fazem parte da natureza do trabalho intelectual. “

F.H.: “ O que significa para o Sr. Ser historiador?”

L.C.S.: “ O que significa para mim ser historiador. Primeiramente significa isto que eu te falei na resposta sobre o trabalho intelectual. Em segundo lugar significa desenvolver um trabalho de estudar as realidades sociais e suas transformações, só que sem desenvolver uma concepção utilitarista, mas uma concepção de utilidade do conhecimento ,essa trabalho tem uma dimensão social, o trabalho da formação de outros historiadores, né, e o trabalho da formação do estudante de história, eu acho que tem uma utilidade social tremenda, por que eu acho que os historiadores ao nível da pesquisa ou do ensino eles são profissionais de formação da cidadania, mas uma cidadania efetiva, uma cidadania que problematize, uma cidadania que procura buscar soluções para o país, de um profissional de formação de uma cidadania que tenha de preferência realmente a equidade social e também a participação cada vez mais ampla e democrática da população do país, então do mundo, né. Hoje em dia eu acho que a gente tem que desenvolver uma proposta de contra-globalização sem cair no localismo ou sem cair no nacionalismo exacerbado. u quando eu me refiro à cidadania, é a cidadania do mundo, e eu acho que a gente tinha que enfrentar essa coisa que está sendo dada, o projeto capitalista globalizante hegemônico, a gente tem que criara uma perspectiva de cidadania contra-globalizante que retome finalmente os valores da igualdade social, da democracia, da plena participação da população, em síntese, eu acho eu a gente tá no limiar de construir uma nova utopia, retomar as utopias ai existentes desde o século XIX, boas doses da utopia socialista, mas agente vai desenvolver novos princípios e perspectivas. Eu acho que é isso, eu vejo o mundo não na perspectiva escatológica, do fim de alguma coisa, mas eu acho que também com relação aos problemas existentes eu acho que a busca de soluções que vão engendrar novas situações e inclusive soluções que são completamente não previsíveis dentro dos quadros mentais não tradicionais.”

[FIM DO LADO B E DA FITA 2]

F.H.: “O que significa para o Sr. Ser professor? “

L.C.S.: “Eu acho que a mesma coisa que eu respondi antes, eu acho que não tem muita diferença porque eu não faço nenhuma oposição entre o fato de eu ser pesquisador e o fato de eu ser professor, eu acho que são duas facetas do meu trabalho, e, eu acho que na realidade eu me julgo um historiador, e enquanto

historiador tem uma faceta do meu trabalho que é ser professor e a outra pesquisador, eu digo do profissional de história, o historiador. Eu acho que é isso, as duas tarefas são indissociáveis, o que eu falei anteriormente eu acho que eu estaria repetindo agora. “

F.H.: “E o que significa para o Sr. ser do Departamento de História da UFF? “

L.C.S.: “Eu acho que muita coisa, é, eu inclusive já tive oportunidades de sair daqui e ir para outras instituições, mas eu confesso que a gente fica até lisonjeado e alguns momentos a gente fica até balançado com a tentação. Por outro lado é sempre interessante enfrentar desafios, eu sempre gostei de enfrentar desafios, né. Eu sai do meu país e fui fazer doutorado lá fora, morei quatro anos e meio na Inglaterra, volto e meia eu viajo. Meu último desafio foi ir para a Dinamarca passar um mês e dar três cursos intensivos em três línguas diferentes, eu acho que essas coisa são interessantes, né, a gente aprende muito com elas, mas eu me mantive aqui. Eu acho que umas das coisa perenes na minha vida é o Departamento de História da UFF, é o trabalho no Departamento de História da UFF. Eu não sei se, evidentemente isto será perene, eu acho que mesmo se eu me aposentar, eu vou continuar a manter grandes vínculos e ligações. Eu sou cria da UFF, literalmente eu sou cria da UFF, eu fiz graduação aqui, fiz mestrado aqui, não sai para fazer doutorado aqui, desculpe, eu não fiz Doutorado aqui porque na ocasião em que eu sai para fazer o Doutorado não existia o Doutorado, então ir para São Paulo e ir para o exterior, eu preferi ir para o exterior, mas eu tenho uma ligação bastante grande já minha ligação com a UFF é de 28 anos e 24 como professor, então é uma ligação que fica, não tem como a gente tentar apagar, né. O Departamento de História da UFF significa muita coisa eu sou assim um professor extremamente privilegiado por estar dando aula nesse Departamento, eu considero que é um dos melhores Departamentos do país, eu não vou entrar no mérito se é melhor ou não, é um dos melhores Departamentos de História do Brasil e , puxa vida, eu acho que isso daí da para a gente até mesmo uma certa vaidade muito grande, e uma glória pessoal muito grande por pertencer a este Departamento. Eu não sei se os alunos tem dimensão do que significa o nosso Departamento hoje. O que significa esse monte de gente que tem interesses diversos e produz a beça em outras regiões do país. É claro que talvez nem todos entendam, mas quando a gente viaja, quando a gente vai para fora do Rio de Janeiro, é que a gente inclusive tem a dimensão, mesmo os estudantes quando vão para esses ENEHS e encontram estudantes de todo o país eles devem Ter pelo menos uma idéia inicial de como as outras universidades, alunos e professores vêm a UFF. E eu acho que felizmente hoje nós somos uma referência nacional, eu diria até uma referência latino-americana. “

